NO XXVII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Setembro de 1951 — N. 8

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Cairbar Schutel	*Redação*
Pródomos de Paz	*Arnaldo S. Thiago*
A Alma dos Animais	*Ismael Gomes Braga*
"Cristo, o Maior dos Anarquistas"	*Pereira Guedes*
O Fenômeno Espírita	*Leopoldo Machado*
Vozes autorizadas	*Spártaco Banal*
Astro Humano	*Maj. Levino Cornelio Wischral*
Conhece-te a ti mesmo	*Genésio Nitrini*
Confirmando a Teoria Espírita . .	*M. Lemoine*
Ainda o Pensamento	*(Mensagem transmitida pelo Espírito de Mueller)*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

NATAL DOS POBRES

Prezado Snr.
Paz em Jesus.

Em Dezembro, dia 25, a efemerides registra a maior data da cristandade — a passagem de mais um aniversário natalício de Jesus Cristo, o maior de todos os Profetas e Enviados de Deus, que reinará por séculos sem fim nos corações que aguardam a realização das suas promessas de vida eterna. Nêsse dia, a cristandade, como de costume, num preito de gratidão, veneração e amor, prestará as suas homenagens a Jesus, nosso único Mestre, cada um de acôrdo com as suas possibilidades, com a sua fé e compreensão. Os ricos e os remediados, para festejarem o magno acontecimento, não medem gastos. Suas mesas se enchem de finas e abundantes iguarias, acompanhadas de bebidas variadas, de música e grande alegria. E' uma maneira toda material de se render homenagem a Jesus, que sempre, nos seus ensinos, nos despertava a atenção para as cousas do espírito. Das mesas fartas nêsse dia, muitas iguarias, num desperdício insensato, vão abarrotar as latas postas nas sargetas. E enquanto isso, milhares de famintos e esfarrapados não têm uma chicara de café para festejarem, embora palidamente o Natal. Jesus poderá ficar contente diante dêsse triste contraste, Êle que andava acompanhado sempre de multidões de pobres e enfêrmos? Pensemos bem nêste facto chocante e procuremos, nêsse dia, satisfazer a vontade de Jesus, que se resume em voltarmos as nossas vistas para os pobres, ofertando-lhes dádivas dos nossos corações, pelo menos nêsse dia, o que sem a menor dúvida é a melhor maneira de festejarmos o Natal, uma vez que sabemos ser esta a vontade de Jesus.

Para êsse fim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», vem, por êste meio, à sua presença, para solicitar-lhe uma dádiva para os pobres, a qual póde ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, mesmo usadas, cumprindo assim, um dever de solidariedade cristã.

Certa da sua preciosa atenção, a Comissão agradece-lhe antecipadamente, almejando-lhe saúde, paz, feliz Natal e um próspero Ano Novo.

Matão, Setembro de 1951.

A Comissão:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Leticia Vital Olson
Izabel Perche Camargo
Zelia Silveira Perche
Joselina Dias de Lima
Jenny Perche
Valéria Dias de Lima
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde Ferreira da Cunha
Donata Casadei Oliveira
Ana Coelho
Cleide de Barros Perche
Maria Zilda Benassi
Evany Gonçalves
Edeny Pedro Gonçalves
Manoela Torres
Odete Conceição Pinto

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Setembro de 1951 — NUM. 8

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

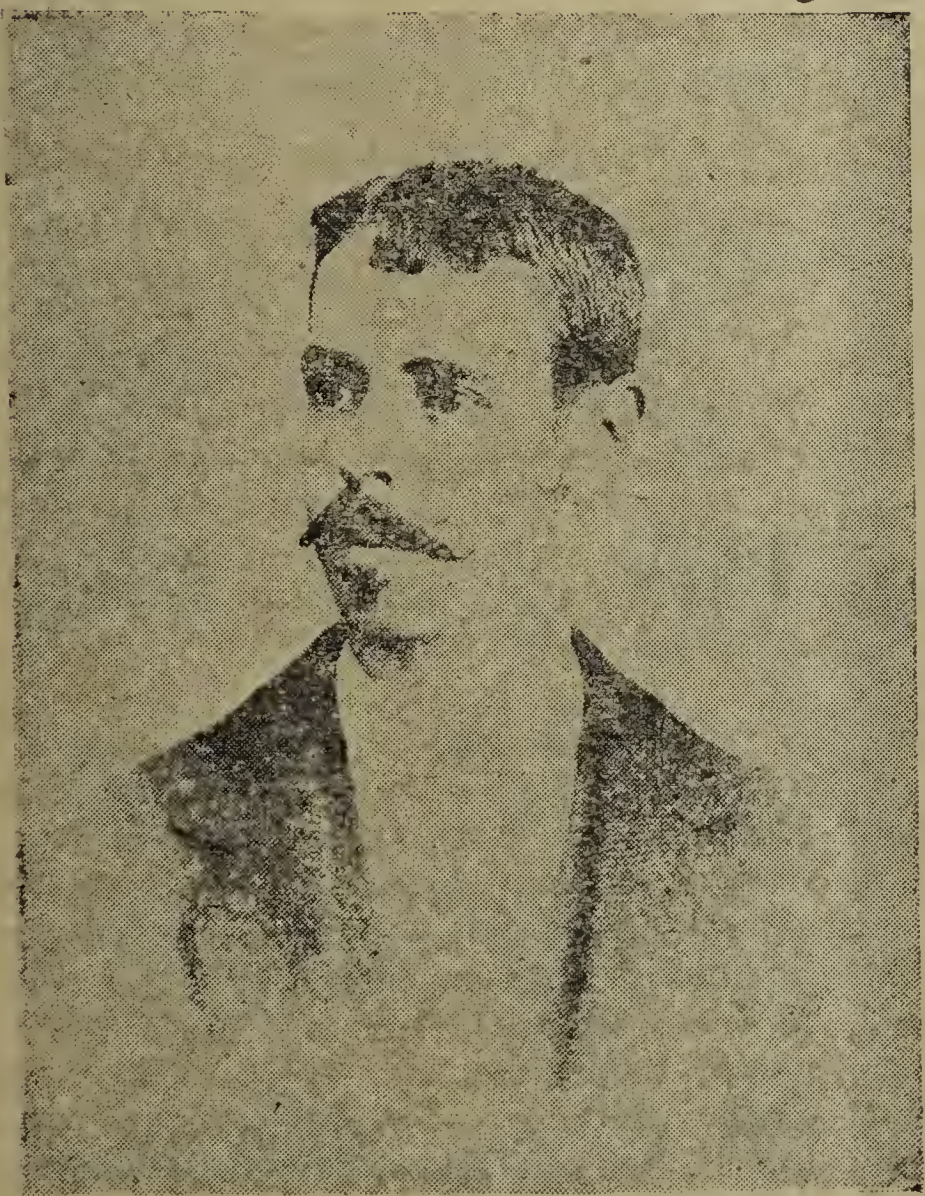
DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Cairbar Schutel

NO próximo dia 22 o nosso inesquecível companheiro Cairbar Schutel completaria mais um aniversário natalício se estivesse ainda neste mundo, e receberia nesse dia abraços congratulatórios dos seus familiares, companheiros de trabalho e inúmeros amigos pela auspiciosa data. Mas como a morte é um termo impròpriamente aplicado aos que deixam este mundo, de vez que o Espírito é imortal, o nosso caro companheiro Cairbar continua vivo no seio da Eternidade, prosseguindo nas suas atividades, no seu trabalho perseverante em pról da Doutrina, ajudando por todos os modos possíveis aos que, neste mundo, dão prosseguimento à sua obra, aos que, enfim, com as melhores intenções e boa vontade trabalham na seára espírita ou cristã, que constituiu e constitue o principal objetivo de suas cogitações. Não podemos apertá-lo num amplexo afetuoso, peito a peito, coração a coração, como o faziamos nesse dia, mas os nossos pensamentos traduzem, num demorado abraço espiritual, todo o aféto, toda a estima que lhe dedicamos de coração e alma,



CAIRBAR SCHUTEL aos 25 anos de idade

almejando-lhe felicidade e progresso, tudo aquilo, enfim, que podemos desejar para nós. E temos a plena certeza de que os pensamentos que amorosamente lhe dirigimos não se perdem na amplidão, que são por Êle captados e retribuidos no mesmo diapasão, com aquela mesma meiguice que tanto conforto e satisfação proporcionava aos que dele se acercavam.

Quando meditamos sôbre o grande movimento espírita, — Congressos e Semanas espíritas, importantes obras de assistência social, Centros que se fundam em todas as cidades e até nos sítios, numa silenciosa e significativa disputa com todas as religiões juntas, em que o Espiritismo vai ganhando uma distância que já não se pode medir; quando vemos as facilidades com que os espíritas realizam os seus movimentos e empreendimentos, voltamos os nossos pensamentos para os pioneiros do Espiritismo no Brasil, entre os quais se encontra o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que enfrentaram as maiores dificuldades, — perseguições, despreso, calúnias, etc.

Graças a êsses pioneiros e aos Espíritos que dirigem o movimento de espiritualização da humanidade, o Espiritismo é agora uma fôrça que dia a dia, de hora em hora, aumenta o seu raio de ação, levando a todos palavras de conforto e de esperança e luzes para todas as consciências, sob a égide da Imortalidade da Alma. E a nossa satisfação é tanto maior quanto é facto que todos, gregos e troianos, não vêem agora no Espiritismo obra diabólica, mas sim, uma doutrina digna de respeito, de vez que espalha o Bem a mancheias para todos indistintamente.

Cairbar Schutel foi um dos que prepararam o terreno, como Bandeirante da Espiritualidade, afim de que os futuros trabalhadores encontrassem, como estão encontrando, facilidades na difusão e prática da Doutrina.

A Cairbar Schutel, pelo dia que registra o seu aniversário natalício, mais um forte abraço e um ósculo de gratidão.

Pródromos de Paz

Arnaldo S. Thiago.

PAZ, em sua efetividade social, estimulando o trabalho, fecundando os espíritos para a frutificação da inteligência, dispondo os corações para a conquista de virtudes que levam às relações fraternas, homens e povos. Dessa paz é que estamos aqui tratando, e não dêsse arremêdo hipócrita de pacifismo, que tem por fim desfibrar os indivíduos, materializando-lhes as tendências e enfraquecer as nações, desaparelhando-as de elementos para a sua defeza, em um escaldante mundo de guerras e de rivalidades econômicas, como o em que ainda vivemos.

De dois planos que se interpenetram, é constituido o nosso planeta: um físico, outro moral, com analogias profundas em sua formação e no seu desenvolvimento cosmogônico, os factos da Sociologia processam-se cronológicamente como os da Geologia: daí o paralelismo físio-psíquico, incontestávelmente observado na evolução planetária. O orvalho da paz, que Deus faz constantemente descer à superfície do nosso mundo moral, opera lentamente, como operaram as torrentes pluviais, sôbre a superfície escaldante da terra, nos períodos geológicos, a princípio nem lhe podendo chegar à superfície, porque o próprio calor at-

mosférico as evaporava, mas pouco a pouco, no curso de milênios, conseguindo permanecer no solo, até se transformarem em rios caudalósos, mansos regatos, fontes subterrâneas, que fertilizam os campos e alimentam a beleza da vida, por tôda a parte, no orbe.

O processo geológico parece ter-se realizado mais rapidamente do que o moral; lembremo-nos, porém, de que as suas diferentes fazes remontam a épocas multimilenárias, ao passo que o aparecimento do homem no meio cósmico planetário, com toda certeza, sómente pode ser contado do início do quaternário. Ainda há vulcões em alguns pontos da terra, em cujo interior o magma ocupa espaços imensamente mais amplos do que os da superfície sólida. Assim o coração humano: já possúi uma leve camada exterior de paz; todo o seu interior, porém, ainda é ocupado pelas desinteligências e pelo espírito de conquista, que é o estopim dos conflítos entre os homens e das guerras entre os povos,

Três quaternários de paz acabamos de ver aflorar no imenso arqueano, que apenas recobre o magma social, de que irrompem os vulcões das guerras; a nota de primeiro de julho último, distribuida pela Secretaria da Presidência da República Brasileira à imprensa, concebida nestes têrmos: «O Govêrno da República, em face da comunicação do Snr. Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, reafirma os principios da sua politica tradicional contra o uso da fôrça nas relações entre os povos e reconhece todos os seus compromissos com a sociedade internacional de que foi um dos fundadores, inclusive o da cooperação econômica, politica e militar.

Não dispondo, neste momento, de outras fôrças militares, além das destinadas à defesa do território nacional e carecendo ainda dos contingentes adestrados e treinados para a guerra moderna, de que trata a Resolução n. 377 da V Assembléia Geral das Nações Unidas, o Conselho de Segurança Nacional, reunido sob a presidência do Chefe da Nação, deliberou recomendar ao Chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas, o estudo das medidas preliminares de colaboração técnica e planejamento que permitam a efetivação em tempo útil das nossas obrigações internacionais».

Já é, segundo a linguagem do Evangelho, «estar no mundo sem ser do mundo»: o que o Brasil reafirma é a sua politica tradicional contra o uso da fôrça nas relações entre os povos; isso é o que o Brasil quer; propugna pela sua efetivação no mundo; sabe, porém, que não pode ainda obstar, com o orvalho de paz que fertiliza a sua gleba quaternária, a erupção dos vulcões que ameaçam irromper por todo o imenso arqueano social que o circunscreve — e então prepara-se para a sua defeza.

Mas, nós falámos em três quaternários de paz: quais são os outros dois? Os da Índia e dos Estados Unidos. No primeiro acabam de aflorar estas idéias (cf. telegrama de Nova Delhi, inserto no J. C. de 12 do corrente): «Não haverá guerra com o Paquistão», declarou notadamente, hoje, no Parlamento, shri Nehru. Definindo a politica externa, afirmou: «A nossa politica externa não é negativa, não é neutra, nem passiva, mas é ativa e boa, etc.» Falando da situação mundial, Nehru afirmou: «Quando um estadista começa a pensar militarmente, deixa de ser estadista e torna-se um soldado vendo sómente objetivos militares, e tremo ao pensar no que aconteceria ao mundo se irrompesse uma guerra mundial». (Nehru empregou o tempo verbal *irromper)*. No segundo, a propósito da sucessão presidencial que ocorrerá em 1952, assim se manifesta o bispo evangélico Homer Tomlinson, anunciando sua candidatura ás referidas eleições: «Já é tempo que tenhamos para presidente um homem de Deus, cuja principal preocupação seja a virtude». O prelado, cuja congregação de Nova York possúe cerca de 123.000 fiéis opinou, com efeito, que os Estados Unidos tiveram até agora, em geral, como presidentes, «apenas soldados cuja preocupação é a guerra, homens de negócios que são mais particularmente preocupados com as disputas». «Terá, termina o telegrama publicado na edição do Jornal do Comercio, acima citada, por emblema uma bandeira «de todas as nações», desenhada pelo falecido seu pai».

Brasil, India, Estados Unidos, três quaternários de paz! que o orvalho santo das idéias generosas que em vós se forma, fecunde todas as glebas da terra, para o florescimento da fraternidade entre os homens!

Rio, Agosto de 1951.

A Alma dos Animais

Para «Revista Internacional do Espiritismo»

II

Em artigo precedente referimo-nos a cães instruídos em leitura e aritmética; outro tanto se póde dizer de diversos cavalos que igualmente aprenderam a expressar pensamentos tiptológicamente, isto é, batendo as letras do alfabeto. Há também cães e cavalos absolutamente estúpidos, què não aprendem o que se lhes ensina e se revoltam contra as lições, o que demonstra graus de evolução e carácter.

Outros cães, que não receberam instrução literária, demonstram inteligência, raciocínio, deliberação, por sua própria iniciativa. Mencionemos um facto colhido do livro do Dr. Raoul Montandon, dentre muitos similares que lhe enchem as páginas.

Certo lavrador possuía um cão pastor que guardava inteligentemente o gado bovino no pasto durante o dia; marcava um limite sábio, do qual os bois não tinham direito de passar; impelia o gado ao bebedouro em horas determinadas; à tarde forçava todo o gado para o curral e, depois de o ter reunido junto da porteira, entrava em casa ladrando significativamente para que lhe fossem abrir a entrada, e só ia repousar depois que todo o gado se achava recolhido ao aprisco.

Um dia o lavrador se havia comprometido de ir trabalhar em certo serviço de colaboração com outros amigos numa casa da cidade próxima; abriu a porteira do curral, entregou o rebanho ao seu pastor quadrúpede e partiu tranquilamente para a cidade. Depois de meio dia, surge-lhe o cão na casa do amigo, na cidade; trazia olhar lacrimoso e demonstrava ansiedade; puxou-o energicamente pela roupa, indicando que era preciso partir com urgência.

O homem se assustou; a casa estava só e teria acontecido algo de grave para que o fiel pastor abandonasse o dever e corresse à cidade a chamar ansiosamente o amo. Desculpou-se de ser obrigado a interromper o trabalho e correu para casa. Os bois haviam arrombado a cêrca que separava a pastagem da lavoura e penetraram no trigal; devoravam as tenras espigas, e se o cão sozinho tentasse reunir o gado e compeli-lo a passar de novo pela limitada abertura feita na cêrca e regressar ao pasto, o resultado seria contraproducente, porque provocaria uma correria interminável dos bois no trigal, arruinando toda a seára com as patas. Tornava-se indispensável a colaboração de diversas pessoas; o cão o compreendeu e correu a pedir socorro ao lavrador.

Procedeu com raciocínio, prudência e lógica, como faria um pastor humano na mesma situação. Muitos casos semelhantes demonstram em certos animais a existência de espírito muito semelhante ao humano.

Numerosos casos são registrados de auxílio inteligente de animais e aves, nos quais se verifica compreensão e piedade.

Aves que conduzem no bico alimento para outra que perdeu a vista e a tratam com o mesmo carinho com que tratariam seus filhotes implumes; uma gata que ouvindo os chorosos lamentos de outra, cuja ninhada fôra afogada, na casa vizinha, carregou na bôca um de seus gatinhos recem-nascidos e o deu à mãe desolada que o criou como seu próprio filho e ficou consolada; um cão furtava de uma quitanda diariamente um molho de cenouras e o levava para um cavalo de sua casa; outro cão, propriedade de um restaurante, recolhia à noite todos os restos de comida que lhe davam e os distribuia pelos cães famintos da vizinhança; êsse serviço êle o executou caridosamente durante cerca de dez años, em favor dos necessitados.

Há nêsse sentido de auxílio muitissimos casos bem observados e registrados. Há igualmente casos de vingança planejada e executada com inteligência, como esta: um elefante muito dócil e trabalhador obedecia fielmente ao seu guia; mas êste, certo dia, colheu um côco durissimo e o partiu na cabeça do elefante, em vez de procurar uma pedra ou tronco de árvore. Passado algum tempo, depois do trabalho do dia, conduzia êle o elefante para o repouso através de uma aldeia. Ao passarem diante de uma barraca, onde se vendiam côcos, o elefante se deteve, escolheu um côco bem duro, tomou-o com a tromba, e deu com êle

tão rijamente na cabeça do seu condutor que lhe despedaçou o crâneo e ocasionou morte instantânea.

Numa secção do jardim zoológico de Viena, numa jaula muito espaçosa, havia diversas espécies de macacos e algumas raposas novas. Certa macaquinha se acamaradou com uma raposa e brincavam sempre uma com a outra; a macaquinha cavalgava a raposa e esta fazia alegremente as mais extravagantes corridas para divertir sua amiguinha. Um dia houve que separar os macacos das raposas por uma grade divisória da jaula. A macaquinha desesperou com a decisão e, em pleno desespero, se lançou no tanque dágua para pôr fim à vida. O guarda tentou retirá-la, mas foi mordido. A solução foi abrir a grade, para evitar o suicídio. A alegria das duas amigas foi imensa: saltaram e divertiram-se o resto do dia; mas «ordens são ordens», e à tarde o guarda cumpriu as instruções que tinha, apartando novamente os macacos das raposas. A macaquinha manifestou o mesmo desespero e na manhã seguinte foi encontrada morta na caixa dágua da jaula. Suicidou por paixão amorosa contrariada!

Os factos observados demonstram a existência no animal de uma alma muito semelhante à humana, capaz de atos inteligentes, de aprendizagem, de deliberações, de virtudes e crimes e até de suicídio.

Pelo comportamento dos animais, vemos que eles não se guiam sempre sómente pelo instinto cego: procedem igualmente com raciocínio e deliberação, com um pouco de livre arbitrio, em muitos casos. O mesmo que se observa com os animais de grande porte e com aves, nota-se, embora com menos individualidade, nos insétos, pelo menos nas abelhas e formigas.

Certo criador de abelhas relata uma experiência que vamos resumir.

Num estudo semelhante aos que inspiraram a Mauricio Maeterlinck os livros célebres, «Vida das Abelhas», «Vida das Formigas», «Vida dos Termitas», um criador de abelhas construíu com vidraças de observação as casas para suas abelhas. Notou que, num perfeito serviço de limpeza, elas retiram da colmeia qualquer matéria estranha que lá apareça. Quando a substância indesejável seja demasiado pesada para uma só trabalhadora, elas se reunem em grupo bem orientado e pela conjugação das fôrças individuais numa só direção, realizam a obra. O experimentador lançou naquela casa de apartamentos, ou pequena república, uma moeda de niquel; elas não a puderam retirar e lá a deixaram ficar, como coisa irremediável. Lançou êle então no cortiço um ratinho morto. Reuniram-se muitas abelhas numa tentativa de retirar de lá o monstro, mas não conseguiram. A putrefação do pequeno cadáver seria condenável pela «Saúde Pública». Elas tomaram outra deliberação para remediar o mal: cobriram o ratinho por uma densa camada de cêra, de modo que êle teve que se mumificar, sem exalar mau cheiro para as habitantes da casa, e lá o deixaram, porque assim envôlto em cêra êle se tornou inofensivo. Sabendo que a moeda de niquel não apodreceria, não a recobriram de cêra.

Infelizmente, no caso de sêres tão pequenos, não nos é possível estudar-lhes o carácter individual, como nos animais maiores: só observamos o que eles fazem como coletividade e ficamos sem saber se entre eles haverá graus individuais de evolução, como nos cães, gatos, cavalos, elefantes. Percebemos inteligência, deliberação, planejamento, execução, mas sempre do conjunto dos sêres, não podemos ainda estudar cada indivíduo.

Quanto aos animais superiores, verificamos com segurança que possuem individualidade bem definida, graus diferentes de evolução, alma individual muito semelhante à humana, e só por isto já seria lógico lhes atribuirmos a sobrevivência da alma à morte do corpo; mas as provas da imortalidade do espírito dos animais se baseiam em dados de observação mais positiva, como veremos em outro artiguete.

Ismael Gomes Braga.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

"Cristo, o Maior dos Anarquistas"

PEREIRA GUEDES

Cristo, a mais discutida das personagens terrena, serviu de tema ao ilustre e consagrado escritor mineiro Anibal Vaz de Melo, para o seu último e também discutível livro — «CRISTO, O MAIOR DOS ANARQUISTAS».

Com uma dedicatória que muito nos honra, Anibal Vaz de Melo, já nosso muito aplaudido escritor, profeta e revolucionário da melhor têmpera, e que grande confôrto espiritual nos proporcionou através das páginas maravilhosas de «A Era do Aquario», nos oferece o seu livro, sôbre cuja leitura vamos emitir o nosso pálido e quasi nulo parecer, visto que, livros que abordam assuntos de tão alta magnitude, são dos que passam à posteridade, dividindo opiniões, simplesmente por focalizarem de modo humano e profundo, a personalidade do maior revolucionário que o mundo conheceu e o mais incompreendido dos missionários.

Agora, após termos discutido com outros ilustres confrades, defendendo a tese que nos parece lógica, da imprópria comunhão de duas doutrinas antagônicas: o Comunismo marxista que é o único, em ação política, e o Espiritismo que, como doutrina deísta é fundamentalmente contrário ao materialismo, vamos falar dêsse Livro-Bomba, lançado sem prévio aviso, ás mãos de desprevenidos espiritualistas, provocando verdadeira confusão entre os aplausos de uns e as repulsas de outros.

Para Anibal Vaz de Melo, o Cristo, o *maior dos anarquistas*, teria tido em Lenine, o grande revolucionário e a maior cabeça da revolução russa, o continuador da sua grande obra, hoje representada por Stalin, em quem reconhece igual valor, visto (na sua opinião), ter transformado «em realidade o sonho milenário que viveu nos lábios do Cristo»; acrescentando: «E Cristo teve uma esplêndida visão... A Terra toda estava dividida e retalhada pela ambição e pela crueldade dos homens. E viu Lenine pregando no bôjo de uma revolução o plasma novo da futura Humanidade... E viu Gandhi esquelético lutando com um império poderoso e cheio de metralhas, acenando aos párias explorados a bandeira de Liberdade... E viu, na Nova Iorque espetacular dos arranhacéus, da Bolsa e dos magnatas do petróleo e do ouro dos nossos dias, Roosevelt, em comícios populares, pregando a divisão da riqueza para a restauração do ritmo social... E sentiu-se murmurando pelos jovens lábios de Krishnamurt que toda a filantropia social é um ato de restituir à vítima um pouco daquilo que se lhe roubou pela astúcia e pela violência, e que a verdadeira filantropia social está em dar confôrto e palácios a todos os que trabalham, e não em remendar as espeluncas existentes...» Mas, exaltando o Cristo, quando disse: «Bemaventurados os que teem fóme e sêde de justiça, porque eles serão fartos», diz o autor que «o Revolucionário Divino encheu-se do fogo da indignação e, com voz máscula, onde dardejavam raios de revolta», pronunciou aquelas palavras! E, prosseguindo, parece concordar com o mistério do nascimento do «Anarquista de Nazaré», chamando-o de humilde filho adotivo de um pobre carpinteiro!...

Do mirante em que se coloca o autor independente e profundo observador dos factos históricos, o Cristo aparece aos seus olhos de lince, como o maior revolucionário de todos os tempos, e, citando Lenine e Gandhi, essas duas poderosas resistências que, em campos opostos lutaram pela liberdade humana, não há como concordar com êle quanto a influência de todos os que, a caminho da evolução, lutaram em pról dos direitos postergados dos homens explorados por outros homens.

«Em face da Física Moderna», diz o eminente escritor, «o conceito de matéria é outro: — Matéria é energia condensada, como energia é matéria liberada em desintegração. Portanto, a própria alma, o próprio espírito é, em última análise, uma forma sutil da matéria, como ensina Engels — é a própria matéria divinizada. Daí a razão por que Farias Brito poude falar nas *bases físicas* do Espírito, corroborando assim o pensa-

mento de São Paulo: «Tudo que é manifestado é luz», isto é, energia, vibração, movimento, matéria e vida. Assim, a desintegração atômica gera a energia; a degradação dinâmica gera a vida e a vida gera o psiquismo».

Depois, referindo-se ao aparecimento de Moisés e Elias, no alto do monte, materializados, (página 153), conclúe que «a alma, o espírito, o próprio Deus é matéria radiante—porque tangivel, palpável, perceptivel à visão como as fosforescências do radium e ocupa lugar no espaço». Eis, pois, em que discordamos profundamente da opinião do insigne beletrista. O fenômeno da materialização do espírito, como aconteceu com a aparição do Tabor, não quer dizer que o espírito seja matéria, mas, que revestiu-se de matéria adequada para tornar-se visivel. E, se o próprio Cristo afirma que ninguém viu a Deus, como poderemos afirmar que Deus mostrou-se, tornou-se visivel e palpável? E não é Deus a causa primária de todas as coisas? Como, pois Deus é matéria? Não é o Espírito o princípio inteligente do Universo?

Quando estacamos ante os conceitos emitidos em «A Grande Síntese», sem que nos seja possível alcançar uma dedução lógica quanto a *degradação da energia*, Anibal Vaz de Melo, em linguagem mais acessivel ao nosso espírito, esclarece que Deus também é matéria.

«Cristo, o Maior dos Anarquistas», não obstante as conclusões do autor, em face da Física moderna que tudo materializa, contrariando os postulados da Doutrina Espírita, é o mais empolgante livro que temos lido nestes últimos tempos.

A começar pela capa, onde aparece a figura de um rebelado que tenta arremeçar contra um edifício a bomba que traz na destra, tem-se nítida impressão, antes da leitura de suas 267 páginas, que a obra do escritor patricio é de fundo revolucionário e que deve escandalizar a muita gente; entretanto, os comentários do autor em torno da personalidade do Cristo, o mais discutido dos cidadãos da história humana, são perfeitamente razoáveis; pelo menos, o Cristo visto e admirado por Vaz de Melo, não é aquêle diante do qual se curvam os beatos em atitudes de genuflexão, mas, ao contrário, é um Cristo humano, ao lado de quem estamos lutando desassombradamente, em pról da Fraternidade Universal.

A concepção de Anibal Vaz de Melo, considerando o Cristo o maior dos anarquistas, é, até hoje, a nosso ver, a mais avançada porque a mais revolucionária de quantas conhecemos; mas, a de que Deus também é matéria, como considerá-la, não sabemos.

Concordamos que se aceite doutrinariamente os postulados do comunismo como perfeitamente análogos aos princípios sociológicos do Cristianismo, excluida que seja a concepção de vida estabelecida pelo marxismo, entretanto, não vemos onde a semelhança ontre a doutrina do Cristo e o comunismo stalinista, a ponto de se admitir que *Lenine e Stalin transformaram em estupenda realidade o sonho milenário que, concebido na cabeça de Buda, viveu nos lábios do Cristo.*

Nem mesmo o Deão de Cantuaria que escreveu dois grandes livros sôbre a Russia Soviética, teria afirmado, avançando tanto, que Lenine e Stalin tivessem transformado em realidade, «em estupenda realidade», a doutrina do Cristo.

O livro do erudito confrade mineiro sucita divergências entre os seus leitores, visto tratar, sobretudo, da personalidade tão discustida que é a do rebelado filho do carpinteiro, elevado pelas igrejas à categoria de Deus, diante de cuja imagem petrificada, de joelhos e mãos postas, oram beatificamente os seus adeptos, e que, destronado, agora, por Vaz de Melo, é, além de comunista, O MAIOR DOS ANARQUISTAS.

Deus, a causa primaria de todas as coisas, continua para nós, indefinível!

Cristo, o portador da mensagem da libertação; o divino rebelado, continua a expulsar os vendilhões do templo e os tubarões da praça; enquanto o Espiritismo, a doutrina que nos exalta para as maiores conquistas, vai dia a dia clareando os horizontes do futuro, mais fortes nos sentimos para as pugnas difinitivas entre a Matéria e o Espírito, em busca da Liberdade, clarão divino na escuridão dos nossos destinos, para a FRATERNIDADE UNIVERSAL.

Rio, Julho de 1951.

Rua Sampaio Ferraz, 33

O Fenômeno Espírita

Todos os grandes missionários, fundadores de religiões, foram grandes médiuns.

Maomé não podia fugir à regra geral.

De tal maneira era atormentado por visões e espíritos, que chegou a dizer à esposa, à bôa Khadija :

— Tenho medo de ficar doido ! Sinto em mim todos os sintomas dos possessos.

E, sôbre o sêr invisível, que o perseguia :

— Que sêr é êste que, incessantemente, me procura ? Que sêr é êste que me não diz seu nome, e do qual eu não posso fugir ?

E angustia-se. Seus olhos dilatam-se, seu rosto empalidece e ruboriza-se alternativamente. Treme e angustia-se, a dizer :

— Ei-lo ! é êle ! aí está !

Sabe que está bem acordado, que não dorme, nem sonha.

A esposa corre a êle e o conforta, docemente. «E agora ?» pergunta-lhe :

— Não o vejo mais, nem o sinto. Foi-se embora — responde. Não é um gim impudico ; não é um demônio. Não póde ser sinão um anjo de Deus.

Êsse anjo de Deus se lhe apresenta, mais significativamente, certa noite, estando Maomé em retiro espiritual, na caverna. E diz-lhe :

— Ugrá, lê, (e mostra-lhe os salmos sagrados).

— Não sei ler — responde Maomé.

O Espírito repete mais duas vezes, sufocando-o e soltando-o, a ordem.

Maomé não lê, mas, repete o que ouve do anjo. Depois, sai com a impressão de que tem um livro escrito no coração, corre e tropeça, galga o cimo do monte e ouve aí uma voz que lhe diz é êle o enviado de Alá. Ergue os olhos e vê no horizonte o Arcanjo Gabriel sob forma humana, envolto numa luz tão brilhante, que resplandece e se oculta.

Eis a visão mediúnica que antecedeu o aparecimento do islamismo.

Um fenômeno francamente mediúnico, espírita.

* * *

O padre João Batista Corneglioto, larazista, ex-diretor do Seminário de Mariana, conta o fenômeno em seu livro, Leituras Quaresmais :

— Um criminoso entra em uma casa pedindo proteção, que havia assassinado um homem. A dona da casa, mulher de coração e fé, acolhe-o. Chega a policia no encalço do criminoso e diz à mulher que o entregue, pois o criminoso acabára de assassinar o filho dela. Trava-se no espírito da mulher a luta entre o dever cristão de perdoar e o dever policial de castigar o criminoso, maximé, o criminoso do próprio filho. Vence, porém, a Doutrina do perdão. Elà nega que o fugitivo esteja ali. A policia sai e ela cai ao supedaneo do oratório, rezando. Chega-lhe, então, o espírito do filho, recem-assassinado, e materializado, agradecendo-lhe, a dizer que se ela tinha sido mãe bôa na sua criação e educação, agora, com o seu ato de perdão, sublimava-se, santificava-se...

Fenômeno de materialização perfeito, de confissão insuspeitissima.

* * *

— O fenômeno está no Memórias do Século IX, de Lord Meath :

O bispo de Wilbesforce trabalhava em sua bibliotéca. Aparece-lhe um fantasma desconhecido que lhe diz ter sido o capelão privado de uma família antiga, residente naquêle castelo. E citou que, naquêle lugar, recebera, ha tempos, uma pobre mulher que lhe fôra confessar um pecado mortal, tão grande que não podia receber imediata absolvição. Êle escreveu a natureza do pecado, dizendo à mulher voltasse depois. E colocou o escrito entre as páginas de um livro. Morrera o padre aquela mesma noite. E o escrito ainda se encontrava tal como êle o pusera, dentro de um de seus livros, que ali estava, empoeirado, esquecido numa estante.

Fenômeno de materialização em pleno dia e entre pessoas para as quais *spiritus que vadit non redit.*

* * *

D. Viçoso, Bispo de Mariana, sentiu

profundamente a morte do conego Manoel Julio, seu grande amigo. Mormente por sentir que a presença de um morto, embora amigo e santo, causa sempre terror... (Menos aos que têm educação espiritística, dizemos nós).

— Felizmente, spiritus que vadit non redit, acudiu, confortando D. Viçoso, o Conego Rosario, que levara ao superior a notícia da morte do outro conego.

— Volta, sim. Volta quando Deus permite! consertou D. Viçoso.

E contou, sem subterfúgios:

— Quando eu era lente do Caraça, ali por 1921, aconteceu morrer um moço do Tejuco. O cadáver foi para a igreja, para a sentinela. A' noite, eu trabalhava no meu quarto, que ficava parede e meia com o quarto do superior, padre Rogerio.

Entre nove e dez horas, ouço bater à porta. Levantei-me e fui abri-la. Batiam, entretanto, no quarto do superior. Foi alguém que esteve conversando com o padre Rogerio. Pensei fôsse algum empregado a tratar de negocios e continuei meu trabalho.

Padre Rogerio procurou-me, então, perguntando:

— Ouviu bater na porta do meu quarto?

— Ouvi, sim, senhor. Pensei até que era no meu. Vendo que era no quarto do padre superior, fechei a porta.

— Sabe quem bateu? Foi o moço do Tejuco, cujo cadáver está exposto na capela. Eu estava escrevendo para a familia dêle uma carta, que vou mandar amanhã cedo, quando me apareceu. Disse-me «que, estando eu escrevendo para a familia dêle, vinha pedir-me a caridade de transmitir certas recomendações que mas ditou e eu escrevi. Depois retirou-se sem me deixar temor algum...»

Obra de anjo, ou de demônio, para a Igreja, que nega a comunicação dos Espíritos?

* * *

Nossa História está cheia de fenômenos espíritas interessantes.

Pudéra! Não fôsse o *Brasil, a Pátria do Evangelho!*

Frei Caneca (Joaquim do Amor Divino Caneca) vai morrer, condenado à morte pelo grave crime de sonhar, em 1817, com uma pátria livre.

Mas, o carrasco, o sentenciado Agostinho Vieira, negou-se a enforcar o padre.

Dois negros, também sentenciados, escusaram-se à execução da sentença, a despeito de espadeirados, surrados a coices de armas.

Frei Caneca foi, assim, arcabuzado, por não ter quem o quisesse, em nome da lei, executá-lo.

Contaram, então, os três candidatos a carrasco que viram perto do padre uma linda mulher, que a tomaram por Maria Santissima, que se opunha, a gestos serenos de mão, sorrindo para eles.

Isso passa por lenda.

E porque não podia ser verdade, uma expressiva intervenção espiritual?

Leopoldo Machado.

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

XXI

Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendar-lhes o futuro, cujo conhecimento êles mesmos adquiriram, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por uma revelação divina.

Santo Agostinho

(Célebre doutor da igreja. Vide edição beneditina — tit. VI — cal. 527.)

XXII

Considero o aparecimento do Espiritismo como o acontecimento mais importante do século XIX.

Victor Hugo.

(Sábio, poeta e dramaturgo francês).

XXIII

Entrei numa casa de estudos espíritas, profundamente materialista, não crendo na existência depois da morte, e hoje digo simplesmente :

Creio. A demonstração foi-me feita por fórma a tirar mesmo, a possibilidade duma dúvida ! !

Dr. Ricardo Hodgson.

(Grande físico inglês).

XXIV

Por sua elevação moral Jesus não precisava de intermediários, recebia diretamente a inspiração divina.

Assim, nós vemos que tudo no passado teve a sua razão de ser, tudo concorreu para o progresso da humanidade. Com o desenvolvimento da mentalidade humana e a luz que nos traz o Espiritismo, as trevas se dissiparão e a verdade surgirá brilhante, mostrando-nos que neste degredo, a que nos conduziram nossas faltas, nós nos agitamos e Deus por seus enviados nos conduz.

Francisco Raimundo Everton Quadros.

(Marechal do exercito brasileiro, autor das obras "*As manifestações do sentimento religioso atravez dos tempos*", "*Historia dos povos da antiguidade*" e "*Os astros*", jornalista e poliglóta.

Foi o primeiro presidente da «Federação Espírita Brasileira», do Rio de Janeiro).

XXV

Quando se tem setenta e cinco anos, não se póde deixar de pensar algumas vezes na morte. Este pensamento me deixa perfeitamente calmo, porque tenho a firme convicção que o nosso espírito é uma essencia de natureza absolutamente indestrutível ; continúa a agir de eternidade em eternidade ; é como o sól que não desaparece senão para o nosso olho mortal ; na realidade, êle nunca desaparece e em sua marcha ilumina sempre.

Goethe.

(Um dos maiores genios, que a Alemanha tem produzido).

XXVI

Deus que nos lançou uns nos braços de outros, não ha-de separar-nos para sempre... Ver-nos-emos em uma outra vida ; onde os que sofreram nesta serão compensados; onde o que muito amou na terra retornará a encontrar as almas amadas num outro mundo sem lágrimas e sem morte.

Edmundo de Amicis.

(Em sua obra «Coração»).

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.º ano Cr. $50,00	Do 4.º ano Cr.$ 50,00	Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00
Do 22.º ano . . 60,00	Do 23.º ano . . 60,00	Do 24.º ano . . 60,00

Astro Humano

Em visita, acha-se entre nós, para difusão de uma série de conferências de fundo espiritual o grande médium italiano Pietro Ubaldi, sábio de invulgar cultura.

Por estranho contraste vem êsse homem, humildemente simples da capital mundial da religião, onde as luxuosas magnificências eclesiásticas se confundem com a presunção e a vaidade.

E' o nosso visitante de excessiva modestia e de renúncia absoluta das coisas terrenas; pelo seu extraordinário saber retrata êsse erudito dos nossos tempos o Moisés dos remotos séculos.

Seria Pietro, pelas suas concepções científicas, religiosas e filosóficas o apóstolo S. Pedro encarnado, trazendo à Patria do Evangelho, nosso querido Brasil, a chave epistolar da salvação humana?

Por ventura, estaria Ubaldi designado pelo Onipotente para transformar o Planeta em Templo de compreensão e de luz irradiante da châma eterna do amor divino?

Em que escola celeste de alquimia e onde conseguiu o espírito dêsse estranho missionário amalgamar em um só blóco coêso e indestrutivel a ciência com o amor, a filosofia com a humildade e a religião com a simplicidade?

Nos seus escritos em três trilogias êle conseguiu o quimérico testemunhando o verdadeiro congraçamento da razão com a fé e tornando uno os planos material e espiritual. Tudo é apresentado em linguagem de máxima pureza e elevação que o homem assimila aliás com certa hesitação justamente pela assombrosa clareza com que Ubaldi expõe as coisas tidas como obscuras.

Traz-nos Pietro a solução exáta para todos os problemas, abrangendo seus volumes desde o mais ínfimo dos átomos que vivificam o cristal ao mais sublimado e puro amor de Deus, única razão de ser da incessável criação de Universos.

E' êle o sábio, sem par, algo melancólico e profundamente meditativo que concebe o ainda incompreendido Deus; fala com Jesus e habitualmente convive com os espíritos de luz. E'-lhe, por isso, penoso sacrifício viver na vestimenta carnal.

Quando integrado no corpo somático é para, solitário, escrever nas silenciosas madrugadas, as mensagens que suas antenas vão captar nas fontes sublimes do saber. Sintoniza-se, para isso, e ao seu bel prazer com as mais altas correntes cósmicas. Invulgar mediunidade e, quem sabe, única esta que tem o poder de escolher a onda e a potência vibratória que deseja.

Para que o humano pudesse ingressar no próximo terceiro milênio, conscio de ser uma centelha divina, redigiu o sábio italiano, mediunicamente, «A Grande Síntese» livro apontado pela imprensa mundial como devendo ocupar o segundo lugar, logo após a Biblia. Antecipou-se o autor anunciando a desintegração atômica, que só mais tarde, aliás, veio a ser descoberta. Apresentou novos conceitos filosóficos baseados na teoria da relatividade de Einstein o que, logo em seguida, foi comprovado por via matemática. As sentenças emitidas nêsse livro são assim profundas e variadas que causam assombro de como é possível um cérebro humano abordar temas tão diversos.

Isso, no entanto, não impediu que «A Grande Síntese», obra revolucionária do pensamento humano, fôsse condenada pelo Vaticano em 1939 e mandada inscrever no índice dos livros proibidos, sem nenhuma motivação a respeito, apesar das insistentes súplicas do seu autor.

Outros livros dêsse escritor estão sendo agora traduzidos em uma variedade de idiomas, inclusive o arabe.

Eis aí uma pequenina mostra da obra ubaldiana.

Recentemente transportou-se Pietro Ubaldi, via aérea, para a nossa Pátria em missão de esclarecer e amparar seus irmãos dêste continente. A espectativa dos que então o aguardavam no campo de aterrisagem foi, póde-se dizer, de deliciosa surprêsa: pois, quem vemos descer da escadaria do avião? — Uma criatura aparentando sessenta anos, tipo «homem do interior» em vestimenta domingueira. Porém, nos primeiros contactos com essa criatura bondosa e humilde, recebemos de Ubaldi vigorosa irradiação de simpatia e de imenso bem estar, envolvendo os presentes em fluídos de divina suavidade.

Se os olhos humanos pudessem perceber a brilhante recepção feita pelos espíritos, nossos irmãos do espaço, ficariam atônitos ante o deslumbramento festivo dêsse indescritivel áto social em homenagem a êsse astro humano que, do Alto, recebia as bôas vindas com uma chuva fluídica de pétalas de rosas e de amores-perfeitos. Êle bem que notou essa chuva de bençãos.

Informou-nos o professor sôbre as dificuldades que atravessa sua querida Itália. Contou-nos, algo constrangido, de sua necessária pobreza pessoal, chegando a declarar que a sua alimentação, lá na península, provinha do estoque que seus alunos lhe presentearam, por ocasião do último Natal.

Em recente palestra com Ubaldi pudemos verificar que em oito dias apenas, aprendeu êle, de modo surpreendente, a língua portuguêsa. Agora faz as suas conferências em nosso idioma e com ótima dicção.

Vejamos o que escreveu essa nobre alma a um seu amigo no estrangeiro: «A bondade que em outros países se mede pelo padrão centímetro, aquí no Brasil é medida por quilometros».

Quem estabelece contacto pessoal com êste grande amigo da humanidade sente-se entristecido ao separar-se de tão valiosa amisade. E' justo pois, que roguemos ao Pai conserve entre nós por muito tempo ainda, êste benemérito e iluminado missionário.

Que o nosso amplexo de simpatia e gratidão seja para Pietro Ubaldi tão grande quanto o abraço do Cristo do Corcovado.

Major Levino Cornelio Wischral.

Conhece-te a ti mesmo

A oração de Sócrates, virtuoso sábio grego, «conhece-te a ti mesmo» (Nosce te ipsum), encerra maravilhosos ensinamentos a todo homem dotado de bôa vontade e sinceridade que se proponha a galgar o cimo da espiritualidade superior.

E' a chave para o aperfeiçoamento moral. Aliás, Jesus com palavras diferentes e de significado mais extensivo convidou-nos a nos examinarmos, quando disse: «E por que vês tu uma arésta no olho do teu irmão, e não reparas na trave que tens no teu olho? Ou, como dizes a teu irmão: Deixa-me tirar-te do teu olho uma arésta, quando tu tens no teu uma trave? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás como has de tirar a arésta do olho de teu irmão». (Mat. 7, 3-5).

Como em todos os seus ensinamentos, foi o Mestre mais profundo, pois que nos indicou, além da necessidade de nos conhecermos, a preocupação do homem em observar os defeitos apenas no seu semelhante, esquecendo-se de que também não é perfeito.

Nós somos assim. Estamos sempre prontos para atirar a primeira pedra, até que nos mostrem a mesma falta em nós mesmos.

Então perguntamos: por que o homem não observa os seus defeitos, quando vê tão bem os de seus semelhantes? Por que não procura o homem conhecer-se a si mesmo, quando sabemos que o aperfeiçoamento moral caminha de dentro para fóra?

Parece-nos que por dois motivos fundamentais:

— o primeiro é porque procuramos ver apenas com os olhos do corpo, colocando-nos num plano de falsa superioridade, examinando o mundo exterior, esquecidos do nosso mundo interior. Cada um de nós vemos e observamos a Vida ou o próximo de acôrdo com o aferidor que somos nós mesmos.

Então vemos todos os defeitos de fóra, isto é, dos outros, ignorando ou fingindo ignorar os que estão dentro de nós. A nós que assim procedemos, se fôsse possível vermos num espelho, não a nossa máscara carnal, mas o nosso retrato psíquico, isto é, nosso corpo perispirital, poder-se-ia dar o caso de nos sentirmos horrorisados ante a visão real. Quantos belos rostos não se veriam à

semelhança do «retrato de Dorian Grey».

— o segundo motivo porque assim procedemos é o medo ou a covardia que temos de encarar nossas mazelas íntimas Procurando o caminho que nos parece mais fácil, a estrada larga de que nos fala Jesus, jogamos para um canto do cérebro, afim de deixar no esquecimento, todo ato mau, confiando no tempo a sua extinção. Mais uma vez nos esquecemos do Mestre quando nos ensinou, ao dar a missão aos apóstolos: «Nada há encoberto que se não venha a descobrir; nem oculto, que se não venha a saber». (Mat. 10,26).

Tantas cousas erradas vamos depositando nêsse canto do cérebro ou, como se diz em psicanálise, no subconsciênte, como se houvesse nessa maravilhosa séde da inteligência, do Espírito, um cesto para lixo, até que um dia, saturado de tão mau conteúdo, opera-se no subconsciênte uma reação igual e em sentido contrário ás ações passadas, trazendo à tona todo o material que julgávamos extinto, à semelhança do estômago que, cheio de alimentos indigestos, em convulsões, lança para fóra aquilo que não deveria estar dentro, afim de que cesse o mal-estar físico. Conclúe-se que também não haverá saúde mental, paz espiritual, enquanto houver erros ocultados de nós mesmos.

E' preciso que o homem não ignore que no altar de cada consciência há um mundo regido por leis divinas que não podem ser transgredidas sem dôres profundas; que na consciência de cada homem funciona o mais perfeito tribunal, inapreciável à inteligência humana, por ser uma centelha divina com elevados atributos de justiça, bondade, inteligência e perfeição em potencial, cujo polimento se efetua através da evolução mental ou espiritual; que há nêsse tribunal sagrado vozes que acusam, vozes que defendem e vozes que julgam os nossos atos; que todo julgamento imperfeito constitúe tentativa de suborno, fuga à verdade, ruptura de equilíbrio, em palavras mais claras: dôres, muitas dôres, que sómente serão estancadas com a justa revisão do processo, isto é, com a vitória da justiça e da bondade. A derradeira vitória sempre será do bem e da verdade, pois o destino das creaturas é subir e não descer.

Irmãos que me ouvis! Pensemos o mais cedo possível no «conhece-te a ti mesmo». Tenhamos a coragem de enfrentar nossos erros—a causa de nossas dôres—num exame sereno de nossa consciência, de nossa vida.

Querer que cessem os efeitos sem atacar as causas é absurdo, é desenvolver a mentalidade de milagres, é ignorar que as leis morais são leis tão científicas como as leis da química, da física e de todas as ciências naturais.

Não devemos ter a pretenção de revogar as leis divinas, mas sim de nos colocarmos em sintonia com elas para obtermos a felicidade, que nada mais é que uma consciência tranquila.

Se sofreis, indagai das causas. Toda doença é efeito, cuja causa reside na desobediência de leis morais, comumente pelo abuso. A doença é da alma e não do corpo; existe porque a sua função para o desenvolvimento moral corresponde à do livro para o desenvolvimento intelectual. A lepra carnal de hoje é o efeito da lepra moral de ontem. Aplicando êsse raciocínio, poderemos descobrir as causas de outras moléstias. Pensar de outra maneira seria duvidar, ou melhor, negar a justiça divina.

Ninguém sofre sem dever.

Assim como nos tribunais terrenos se estudam os antecedentes do réu, também se acha latente no tribunal sagrado de nossa consciência a contabilidade do «deve» e «haver», razão pela qual Jesus, bondosamente, nos ensinou a procurarmos o «superavit» dizendo, no sermão da montanha:

«E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles». (Mat. 7,12).

Todo mal praticado figura no «deve» e, nas partes em «deficit», estaremos enquadrados na «lei do retorno» ou «lei de consequências». Nestes casos, não devemos ignorar que os efeitos são proporcionais ás causas, razão pela qual póde uma criatura sofrer seguidamente muitos meses ou anos, uma existência toda ou em mais de uma encarnação. Assim poderemos entender Jesus, quando disse:

«Em verdade te digo, que não sairás de lá enquanto não pagares o último ceitil». (Mat. 5,26).

Se realmente desejamos conhecer a nós mesmos, vejamos qual, dentre to-

das, a principal falha a atacar, a que mais denuncia nossa inferioridade.

Consultando Allan Kardec em «O Livro dos Espiritos» — obra através da qual se acha codificada a filosofia espiritualista, pergunta o missionário:

«Dentre os vícios, qual o que se póde considerar radical?»

A resposta é a seguinte:

«Temô-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-lo, enquanto não atacardes o mal pela raiz e não lhe houverdes destruído a causa. Tendam, pois, todos os esforços para essa causa, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Êle neutraliza todas as outras qualidades».

Dêsse ensinamento concluimos que a árvore do mal tem como tronco o egoísmo e as outras falhas morais formam os galhos que, embora cortados, podem crescer de novo.

De outro lado, jamais poderemos nos conhecer se não aplicarmos o princípio que orientou a inteligência humana à descoberta de todas as leis científicas conhecidas, isto é, conhecer primeiro os efeitos para, através da observação e da experimentação, chegar-se ás causas. Assim, para nos conhecermos, é necessário que primeiramente conheçamos nossos atos, nossas obras: se praticamos maldade — somos maus; se tratamos com bondade e justiça nosso semelhante — somos bons e justos; se roubamos—somos ladrões; se assistimos aos necessitados—sómos caridosos, e assim por diante.

Êsse ensinamento acha-se sintetizado nas seguintes palavras de Jesus, mostrando-nos os falsos profetas:

«Assim, toda árvore bôa dá bons frutos, porém, a árvore má dá maus frutos. Uma árvore bôa não póde dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos. Logo, pelos frutos os conhecereis». (Mat. 7, 17-20).

Ao finalizar, lembremo-nos de que é fundamental colocarmos, através do esfôrço próprio, nossa consciência em paz, em harmonia com os desígnios divinos, paz que não custa nem um real, mas que não há dinheiro no mundo que a compre, pois a verdadeira e imorredoura felicidade só é adquirida pelo padrão luz. As portas do céu não se abrem a pêso de ouro, porque Deus é Criador do Cosmos e Pai das criaturas e não comerciante.

E, aquêle que vencer a si próprio, terá conquistado uma vitória tão significativa que não póde ser comparada ás maiores vitórias dos maiores generais, na feliz expressão de Emmanuel.

Genésio Nitrini.

(Palestra pronunciada na «Hora Espiritual» da Rádio Tupi, no dia 26 de Novembro de 1950).

Confirmando a Teoria Espírita

Por M. LEMOINE *(Tradução de Haydi de Thebelen)*

NO tempo de Allan Kardec quasi todos os fenômenos psíquicos supranormais podiam ser considerados como provenientes da intervenção dos espíritos, e não é sem razão que desde a «Odisseia», de Homero, até à «Atalá», de Racine, a literatura nos dá numerosos exemplos de fenômenos espíritas.

Todo o enredo do «Hamlet», de Shakespeare repousa sôbre a aparição dum fantasma. O rei defunto aparecendo a seu filho, a quem reclama vingança.

Êste drama, em que o gênio de Shakespeare magnificamente se manifestou, leva-nos a compará-lo com um facto espírita ocorrido antes da última Guerra Mundial e no qual, é protagonista um pastor grego, cujo falecimento provocou suspeitas, e motivou a prisão de dois inocentes, e que depois revelou o nome do seu assassino!

O que foi o sonho de «Atalá», essa obra-prima do imortal Racine, senão um sonho premonitório, em que o espírito duma morta tem o papel principal?

«Ma mère Jézabel devant moi s'est montrée,
Comme au jour dessa mort pompeusement parée :
Ses malheurs n'avaient point abattu sa fierté;
Même elle avait encor cet éclat emprunté
Dont elle eut soin de peindre et d'orner sou visagé
Pour réparer des ans d'irréparable outrage,
«Tremble, m'a-t-elle dit, fille digne de moi,
Le cruel Dieu des Juifs l'emport aussi sur toi».

Quer seja Shakespeare no «Hamlet» ou «Macbeth», Corneille em «Poliento», com o sonho de Paulina, Racine na «Athalie», os maiores nomes da literatura não esperaram pelo século XIX para introduzir nas suas mais belas obras, como uma inegável realidade, a possibilidade das comunicações entre êste mundo... e o outro.

Bem sabemos que há sessenta anos se formou uma escola que, se bem que admitindo os fenômenos supra-normais, entendeu atribuí-los unicamente ás extraordinárias faculdades de certas pessoas vivas:—é a escola dos metapsiquistas. Esqueceu-se ou simula ela esquecer-se muita vez que o contacto com o conhecimento do supranormal, indica êle próprio a sua origem, que, semelhante à frase de Victor Hugo sôbre a calúnia, que vem muito a propósito citar aquí:—«Eu saio do espírito de Fulano, e êle é um morto que vem fazer-se lembrar ás nossas recordações».

Longe de mim a idéia de negar à metapsíquica o seu real valor.

Escrevi, já lá vão trinta anos, na «Revista Científica e Moral do Espiritismo», de Gabriel Delanne — «Se a metapsíquica não existisse, tinha de se inventar».

Indubitavelmente que há fenômenos supranormais como a psicometria ou visão através dos corpos opacos, que parecem constantemente indicar que eles se produzem sem a intervenção dos espíritos.

Mas que em nome da ciência os metapsiquistas entendam anexar os factos que proclamam a sua origem espírita é uma tendência anti-científica contra a qual me insurjo. Nenhuma das suas teorias justifica o aspecto que então toma o fenômeno, e por consequência nenhuma delas póde pretender dar explicações acerca do seu valor.

No seu belo livro «A Sobrevivência Humana», livro que todos os espíritas deviam conhecer, o grande físico inglês Oliver Lodge, uma das glórias do Espiritismo, apresentou a hipótese dum registo cinematográfico, à medida que eles se fossem desenrolando. Demonstrou que se póde obter explicações satisfatórias acerca de acontecimentos supranormais do passado, incluindo mesmo os retratos morais dos desencarnados.

Mas esta engenhosa concepção não explica os factos premonitórios, nem os casos de persistência da personalidade para além da morte, nem os exemplos de atividade póstuma das pessoas falecidas. Devido à sua própria natureza nenhuma teoria metapsíquica nos póde dar a explicação satisfatória da sobrevivência da personalidade dum morto, ou da sua atividade póstuma.

Como poderia a metapsíquica explicar esses fenômenos, se a sua teoria entende atribuir ás faculdades dos vivos o que nós atribuimos aos mortos?

Por consequência, é na descoberta dos casos de atividade póstuma ou de persistência de personalidade, que se encontra a prova irrefutável da sobrevivência, e são os casos dêste gênero, que vos quero recordar, ou dar-vos a conhecer.

I — Depois da morte de Dante Alighieri em 1321, verificou-se que os treze últimos cantos da sua imortal obra-prima, a «Divina Comédia», tinham desaparecido. Procuraram-nos inultimente durante oito meses, e já tinham renunciado a todos as esperanças de os encontrar, quando Jacopo, filho mais velho do poeta, viu em sonho seu pai todo vestido de branco. Jacopo perguntou-lhe se êle ainda vivia».

—«Sim! respondeu-lhe o poeta, mas vivo a verdadeira vida, e não a vossa!» Então o filho perguntou-lhe pelos treze cantos que faltavam. Pareceu-lhe que seu pai o levava para o quarto onde êle dormia, e batendo em certo sítio da parede disse-lhe: — «Eis o lugar aonde se encontra o que há tanto tempo procurais».

Quando Jacopo acordou foi a casa de Pietro Girardino, amigo de Dante, e contou-lhe o seu sonho e eles resolveram dirigir-se à antiga residência do poeta. Deslocaram uma esteira pregada na parede, e que ocultava um esconderijo, de todos ignorado. Encontraram-lhe vários papeis entre os quais os treze últimos cantos da «Divina Comédia».

O escritor Boccacio, que ainda vivia quando Dante faleceu, soube dêste acontecimento por Pietro Girardino que foi a testemunha ocular dêsse facto, e foi o próprio Boccacio que o relatou na sua «Vida de Dante Alighieri».

II — Duma velha obra, «O Gênio de Petrarca», editada em Parma, em 1778, e que encontrei em casa de meus pais, extraio (da pag. 94) estas linhas:

«O abade de Gombez, Jacques Colonne, estava na sua diocese quando Petrarca foi coroado em Parma, pelos seus poemas. Petrarca que era seu amigo viu em sonho o prelado a quem perguntou: —Aonde ides?—«Volto para Roma», respondeu-lhe o sacerdote. Eu acompanho-vos disse Petrarca. O arcebispo impelindo-o brandamente, replicou-lhe: — «Não! ainda não é tempo». Notei que a sua fisionomia tinha a palidez da morte... Soltei um grito que me acordou. Marquei essa data, e escrevi o sonho a amigos meus, e soube por fim que Jacques Colonne tinha morrido precisamente no dia em que apareceu em sonho.

Petrarca não era supersticioso; este caso singular não o tornou mais crédulo do que Cícero, pelo facto de ter tido um sonho que se realizou.

Na página 156, da mesma obra, encontrei o relato dum outro sonho. Sabe-se que Petrarca amou apaixonadamente uma mulher, Laura de Noves, que êle imortalizou nos seus poemas. Laura vivia em Avignon, onde morreu bruscamente, vitimada pela peste, em abril de 1348.

No principio de 1348, diz-nos a mesma obra, estando Petrarca em Verona, teve um estranho sonho. Viu uma mulher duma rara beleza que ao mesmo tempo que suspirava, lhe estendia a mão, e lhe perguntava — «Reconheceis-me? —. Sim! respondeu Petrarca, como poderia eu não reconhecer Laura? Tranquilisai o meu coração apaixonado. Dizei-me se ainda viveis. — Já não vivo na Terra — replicou lhe ela, e, ao morrer, a saudade que senti, foi a de ter de vos deixar».

— Ah! Laura! exclamou Petrarca, em nome do meu amor e da minha fidelidade esclarecei uma dúvida que me atormenta: eu tinha a felicidade de ser amado por vós? A vossa meiga austeridade, as vossas ternas cóleras, os vossos leves favores, tudo isso mantinha a minha alma numa incerteza. Laura sorriu. «O meu coração pertence-vos; mas eu desconfiava dos vossos juramentos, e desconfiava de mim mesma. A cólera brilhava nos meus olhos, e o amor ardia no meu coração. Vós descobrieis a vossa chama amorosa, e eu ocultava a minha; eis a diferença. «Ah! Laura! interrompeu Petrarca, amais-me, nada mais desejo na Terra». O fantasma desapareceu, e Petrarca despertou.

Laura de Noves morreu no dia antecedente a este sonho, conforme o soube Petrarca dias depois, por uma carta enviada por um dos seus amigos de Avignon.

Laura foi subitamente arrebatada pela peste negra, em Avignon, aos quarenta e dois anos. Se esta idade já não lhe permitia ter a frescura da juventude, dava-lhe ainda o esplendor duma radiosa beleza.

Creio que não constitue falta de respeito para com o poeta, se pensarmos que o talento de Petrarca tivesse poetizado o seu sonho, e talvez mesmo embelezado o diálogo com a sua bem-amada, de quem até então êle tinha ignorado os sentimentos a seu respeito. Injúria seria sequer supor, que o grande poeta tivesse inventado o sonho com todos os seus impressionantes detalhes, anunciando-lhes uma morte imprevista que o deixaria inconsolável, e esquecer que Petrarca já tinha tido um outro sonho da mesma natureza.

Laura casou aos vinte anos com o Marquês Hugo de Sade, e foi quando Petrarca a viu pela primeira vez. Apesar de seus deveres de esposa, e em breve de mãe, ela não repeliu os suspiros do homem que mais tarde imortalizaria a sua beleza. Nada lhe concedeu, e nada lhe prometia; evitava os encontros a sós, mas não os vulgares e quando Petrarca procurou em vão nas viagens um remédio para a paixão em que talvez fosse compreendido, Laura censurava-lhe meigamente ter deixado a cidade onde para sempre ela tinha fixado residência. Esta espécie de galanteio virtuoso que ela conservou até a morte, e que para sempre prendeu o coração do poeta, e talvez mesmo que o seu sonho premonitório, tivesse contribuido para que Petrarca fosse o homem dum só e único amor. Foi-lhe tão fiél na saudade, quanto em vida tinha sido fiél à sua beleza.

Petrarca teve na sua vida dois grandes afetos: o seu melhor amigo, Jacques Colonne, ao qual prestou relevantes serviços, e a bela Laura. Teve conhecimento da morte de ambos da mesma surpreendente maneira. Não era médium, e parece que nunca mais teve nenhum sonho mediúnico.

Sôbre o ponto de vista da explicação dos factos, esta constatação não deixa de ter o seu valor.

III — Um caso de atividade póstuma foi conhecido em sonho e verificado pelo Dr. Tanagras, Presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos helénicos, que o publicou no número de Novembro de 1937, da «Psychica», e que transcrevemos:

«Em 28 de Outubro de 1923, foi encontrado morto num sítio chamado Kapoutsidés, o cadáver dum pastor, guardado pelos seus quatros cães. As suspeitas cairam sôbre dois indivíduos, que foram presos. Alguns dias depois, o irmão da vítima sonhou que viu o morto coberto de sangue, dizendo-lhe: — Não foram aqueles que prenderam que me mataram; foi Servos com um pastor, e roubaram-me vinte napoleões que tinha comigo. Mas ainda levará algum tempo até que eles estejam curados das dentadas que lhe deram os meus cães».

O irmão comunicou êste sonho ao juiz de instrução, que mandou prender o homem acusado pelo morto, e com surprêsa ouviu-o confessar o seu crime.

(Continua).

«Revista de Metapsicologia»

Ainda o Pensamento

«O pensamento é vibração e se transmite por onda, que só excita as vibrações das ondas afins». — (A GRANDE SÍNTESE).

Não é por outra razão que os Espíritos de luz tanto insistem sôbre a necessidade de policiarmos com o cuidado máximo a nossa mente; ela é uma poderosa estação emissora-receptora que sempre atrae para recepção ondas da mesma natureza daquelas que emite.

Os pensamentos puros, luminosos, claros, bons, são vibrações que provocam a recepção de ondas afins, da mesma natureza e que condensam em tôrno de nós essa delicada atmosféra de bem estar e de felicidade que nos invade o coração sempre que mantemos nossa mente em alto padrão vibratório, particularmente quando oramos ou quando entramos em sintonia com os luminosos Arautos da Bondade Divina.

A Espiritualidade Superior é manancial inesgostável de bençãos, um imenso repositório das mais puras e elevadas vibrações de luz, de amôr e de bondade.

Está sempre à vossa disposição («Buscai e achareis») mas só podereis dessedentar-vos se puserdes vossa mente em sintonia com o grande mandamento da Caridade.

Se os pesados grilhões do ódio ou do ressentimento turvam vosso coração, a mente só poderá emitir pesadas e escuras vibrações; se o pensamento maldoso se dirige contra alguém provoca nêle violenta reação psiquica, desde que êsse alguém ainda não tenha aprendido a defender-se contra o ataque de tão insidioso quão pérfido inimigo.

Mas sempre e em qualquer circunstância, um mau pensamento, ainda que não provoque o revide daquêle contra quem se dirige, provoca as ondas afins que, em número infinito, se espalham pelo Espaço emitidas por bilhões de mentes dos infelizes que perambulam, desesperados, pela terra como pelo Espaço.

A cada momento, portanto, tendes ao vosso dispor dois imensos reservatórios: um constituido de todos os detritos mentais produzidos pelas mais soezes vibrações do ódio, da inveja. da ambição, da cobiça; outro, tecido de suaves vibrações de luz, de paz,de amôr, concórdia e de harmonia.

O primeiro sobe das trevas que a milenar maldade teceu e onde tantos e tantos irmãos infelizes se aprisionam por séculos e séculos.

O segundo desce do Alto, dos harmoniosos páramos celestiais, hábitação de Deus e moradia dos benditos Espíritos de luz e bondade.

Vibrai, pois, sempre e invariavelmente, de sorte a sintonizar com as refulgentes claridades que descem do Alto como o suave rocio do Senhor e co-

mo o bálsamo que Jesus oferece a todos os que buscam.

E de cima, se assim fizerdes, descerá sempre uma suave onda de consolação e de Espiritualidade que há de fazer vossas dôres menos agudas, vossos sofrimentos menos angustiosos e que acenderá em vosso coração a radiosa luz da linda Esperança, que nem mesmo os vendavais da vida conseguem apagar.

Que maravilhosos tesouros põe Deus à vossa disposição para a triste jornada de redenção e como são poucos aqueles que querem e sabem beber dessa maravilhosa fonte!

Que Deus a todos nos inspire para que jamais nos desviemos do caminho do Dever, afim de que nunca nos falte a água da Vida.

Amem, em nome de Jesus, nosso bem-amado Mestre e Amigo.

(Mensagem transmitida pelo Espírito de Mueller ao médium P. L.)

Rio de Janeiro, em 12 de Fevereiro de 1951.

Crônica Estrangeira

Revista Espírita

ANCONA, Itália, 11 (Ro) — Uma nova revista será posta em circulação brevemente na Itália, com um corpo de redatores integrados por oito vivos e oito mortos.

O Organizador da original publicação, professor Giugappe Stoppoloni, da Universidade de Camarino, anunciou que os artigos principais da revista serão escritos, alternadamente, pelos redatores vivos e pelos espíritos dos mortos, inclusive Shakespeare, Milton, Dante e Roosevelt.

A revista, que se chamará «Aurora» será órgão de um amplo movimento espírita na area de Ancona, que vem dividindo a população local em duas facções.

«O espiritismo é obra do diabo», exclamou, furioso, o bispo de Ancona, monsenhor Mario Biggminil escrevendo na revista católica de Ancona. «As sessões devem ser proibidas», acrescentou.

Os espíritas, declarando que seu trabalho os conduz para mais perto de Deus, anunciaram que as sessões continuariam.

Os espíritas fizeram realizar recentemente uma Conferência Internacional do Espiritismo, à qual compareceram delegados vivos e fantasmas. Presidiu-a o prof. Stoppoloni, tendo sido a vice-presidência exercida por um espírito. Os delegados do Além ocuparam várias vezes o microfone, tendo revelado «grande erudição», segundo seus colegas cá da terra.

*

Vi!

«Revista de Metapsicologia» — Lisboa
Por M. C. S.

O facto passou-se há poucos dias, nesta cidade de Lisboa. O protagonista, longe de ser espírita, longe de acreditar na sobrevivência da alma, era, antes — não sabemos se continuará a sê-lo nêste momento — profundo materialista. Trabalhador honesto, com idéias próprias, tinha, para si, que a morte era um ponto final na vida humana. Não revelamos, por enquanto, o seu nome, porque não estamos autorizados a fazê-lo, muito embora ao descrever-nos o que lhe havia sucedido, o protagonista declarasse estar pronto a narrar o acontecimento na presença de quem quer que fôsse. O autor destas linhas, pois, põe-se à disposição do leitor incrédulo que queira certificar-se.

Narremos o caso:

De há longos dias que o espírito do nosso protagonista vinha sendo torturado com um delicado problema de honra — Em sua casa, a aflição da família era enorme.

Em determinada e recente noite, deitou-se, não podendo reconciliar-se com o sono. O seu pensamento povoava-se de idéias sombrias, pretendendo arrastá-lo para soluções extremas.

De repente, sentado na sua cama e mergulhado no seu desespero, viu que um homem se erguia junto do leito, cabeça acima da sua, sôbre êle se debruçando e com o braço direito o envolvendo, a dizer-lhe em clara linguagem do seu gesto:

— Coragem! Alguém vela por ti.

Surprêso, não compreendendo o que se passava, ergueu os olhos para ver a face do estranho personagem, visto que se não tratou duma visão fugidia.

E o protagonista poude observar que a figura estranha e protetora lhe virou a nuca, escondendo a face, diluindo-se e deixando o quarto, perante os olhos abismados do Irmão em causa.

Êle, porém, julgou reconhecer seu padrasto, que o estimou e lhe queria como pai e que há muito faleceu.

Uma nova confiança começou a invadi-lo. No dia imediato recebeu a consolação da visita materna, que estava longe de esperar; e o delicado problema da sua vida começou a suavisar-se, até à solução desejada.

Ao despedir-me dêle, em plena rua, o protagonista falou-me assim:

— Tinha os olhos bem abertos. Vi! Sou capaz de o dizer na praça pública!

✻

Não é medo; não é dúvida; é uma coisa estranha...

No Algarve fui, uma vez, com um amigo rijo como uma pedra, valente como um leão, que troçava dos que acreditavam em alma do outro mundo, velar um cadáver de um outro amigo.

O quarto mortuário era estreito e escuro. Em dado momento, apenas os dois estávamos de vela ao pobre defunto. A família fôra descansar, e só no outo extremo do edifcio três ou quatro pessoas conversavam ou dormiam.

Por minha vez, resolvi ir fumar um cigarro para o aposento afastado onde estavam as três ou quatro pessoas que conversavam ou dormiam, e disse ao meu amigo:

— Fica aí um bocadinho, que eu volto já... Pareceu anuir à minha proposta. Saí...

Saí mas, passados dez minutos, se tanto, o meu amigo valente como um leão e trocista como poucos, veio ter comigo. Disse-lhe:

— Então deixas-te o pobre sózinho?!

Resposta exata:

— O quarto é muito escuro e muito sózinho; mete pavor! Pareceu-me vê-lo mexer...

— Essa agora!!! disse-lhe eu, em voz baixa.

Tu que *tens a certeza* de que os mortos não voltam, que troças de quem acredita em almas do outro Mundo, duvidas, apavoras-te, tens medo do pobre morto, frio e quêdo como uma pedra?!

Com voz confusa, que mal podia disfarçar, teve ainda coragem para me dizer:

— Enganas-te! Não é dúvida, não é medo! E' uma coisa estranha, que ninguém explica...

E' nestas coisas estranhas que morrem *certas certezas*, digo eu...

✻

O momento é que faz as convicções...

Estive nas trincheiras da Flandres, na guerra de 14-18, com um camarada que, em Portugal, sempre eu conhecera como ateu e avesso a tudo quanto lhe cheirasse a divindade.

Em certa noite, como em tantas sucedeu, os alemães começaram a bombardear a 1.ª linha, onde nos encontrávamos, com granadas e morteiros.

O rebentar dos foguetões que iluminavam o campo, a trovoada da artilharia, o estampido aterrador dos morteiros pesados e o matraquear das metralhadoras varrendo a *terra de ninguém*, faziam das linhas um verdadeiro inferno.

A pé firme, como não podia deixar de ser naqueles tempos, aguardavamos o desenrolar dos acontecimentos, pois que à primeira linha cabia aguentar e aguardar ordens...

Nisto, ouço do meu aludido camarada êste desabafo:

— Valha-nos Deus! A nossa artilharia demora na resposta...

Olhei-o, e tentei gracejar, com pouca vontade:

— Mudaste de opinião?! Acreditas em Deus?!

— Eu te digo—respondeu-me ele—: Penso que o momento é que faz as convicções!..

✻

Conversando com os seus botões...

Na vizinha vila do Seixal existe uma casa assombrada, cujos moradores já se habituaram ao abrir súbito das portas, aos passos ressoando na escada ou nos aposentos, aos gemidos, etc.

Certo dia a família que mora na referida casa recebeu a visita dum cavalheiro, que lá teve de pernoitar. Casa modesta, deram-lhe um leito asseado num pequeno sotão, com mesinha de cabeceira e vela na «palmatória» — para a leitura da noite.

Logo que se deitou, vela acesa, regaladamente encetou a leitura, enquanto o sono não chegava.

Pouco tempo depois, sentiu passos na escada de madeira que dava para o sotão.

— Quem será? Pensou... Alguém da casa certamente. E ficou-se a aguardar...

...Quando os passos chegaram aos últimos degraus fez-se um curto silêncio, êle suspendeu a leitura, olhou, não viu ninguém e ficou, naturalmente, intrigado... Ficou intrigado e dispunha-se novamente a ler, quando sentiu um sopro que apagou a vela e lhe tocou o rosto. O sangue arrefeceu-lhe nas veias mas acendeu um fósforo, espreitou para a escada e, não vendo novamente ninguém, forçou a coragem, voltou a acender a vela e pegou no livro, para continuar a leitura. Nisto, um sopro mais forte insiste: apaga-lhe a luz e movimenta-lhe as páginas do livro.

Não pôde mais. Vestiu-se também como pôde e como pôde desceu a escada e foi para a rua conversar com os seus botões...

⁂

O mais cômodo...

Em notícia de Paris disseram os jornais de 28 de Janeiro findo, que numa quinta perto de Saint Prejet Armandin, no sul da França, se passam casos supranormais, como êste: Uma entidade ou entidades que ninguém vê e que a polícia não consegue descobrir, entram na casa e no redil do Caseiro Jean Jourd, tosquiam-lhe as ovelhas, atiram-lhe objectos que caem nos aposentos sem se saber por onde entram nem de onde vêm, e cometeram esta audácia inaudita: num dia em que o Caseiro e sua mulher, já assustados com o que lhes acontecia, deliberaram saír, pregando portas e janelas e barricando com tábuas o ventilador da cave, sem destruir nenhuma das defesas construídas pelos moradores, e sem bolir nos tectos, revolveram todo o recheio da moradia, espalhando roupas, louças, mobiliário, etc.

Alguns jornalistas que publicaram a notícia, riram em tom chocarreiro.

...E' o mais cômodo. Isto de pensar um pouco e procurar uma explicação séria, para as coisas, é uma maçada!

⁂

O Espiritismo na Inglaterra

O Parlamento inglês acaba de aprovar, por unanimidade, a revogação da lei antiquada que proibia as práticas espíritas e confundia os verdadeiros médiuns com os vulgares charlatães. Doravante, na Gran-Bretanha os verdadeiros médiuns têm a proteção oficial e as práticas espíritas são livres. Todos os jornais trouxeram a notícia da aprovação do referido Decreto, a que *Revista de Metapsicologia* fez referência no seu número de Janeiro, último, a propósito da sua apresentação na Câmara dos Comuns.

Simultâneamente ciência experimental, filosofia e moral, o Espiritismo traz-nos uma concepção geral do mundo e da vida, baseada na razão, no estudo dos factos e das causas, concepção mais vasta, mais esclarecida, mais completa que aquelas que a precederam.

O Espiritismo abre novas vias à humanidade. De todos os sistemas é o único que fornece a prova objetiva da sobrevivência do sêr. Perpetuidade da vida, solidariedade eterna das gerações, justiça, igualdade, ascenção e progresso para todos, tais são os princípios da nova fé e estes princípios apoiam-se no granito do método experimental.

LEON DENIS.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Pietro Ubaldi no Brasil

Anciosamente esperado pelos circulos espíritas do País, deveria chegar a 15 de Julho último o Prof. Pietro Ubaldi, autor de «A Grande Síntese» e de inúmeras obras já conhecidas em diversos recantos do planeta. Todavia, o ilustre pensador, filósofo e cientista italiano, sómente a 22 aportou ao Rio de Janeiro, sendo festivamente recebido pela «Comissão Pró Visita de Pietro Ubaldi ao Brasil». Desde o momento que pisou o sólo, o admirável discípulo do Senhor, tem conquistado os corações de quantos se aproximam de sua alma simples, afetiva e enternecedora. Após permanecer uns dias na Capital da República e de ter visitado a Federação Espírita Brasileira, onde foi acolhido fraternalmente, dirigiu-se Ubaldi à cidade de Campos, Estado do Rio, para se aclimatar e descansar, ao lado do Prof. Clovis Tavares, Diretor da «Escola Jesus Cristo» naquela cidade, inclusive para um maior contacto com o nosso idioma.

No dia 30 de Julho, sempre acompanhado do Prof. Clovis Tavares e Batista Lino, Diretor da LAKE-Editora, chegava à Capital Paulista.

De 1 a 3 de Agosto visitou oficialmente a Assembléia Legislativa do Estado, sendo recebido por uma comissão de Deputados nomeados pelo Exmo. Sr. Presidente da Assembléia, Dr. Diogenes Ribeiro de Lima. Introduzido no plenário, o Sr. Presidente convidou-o a tomar assento a seu lado, sendo em seguida saudado em nome da casa, pelo Exmo. Sr. Deputado Dr. Cid Franco. Em seguida, o Prof. Ubaldi respondeu à saudação e depois de agradáveis minutos de palestra com inumeros deputados, deixava o recinto sob intensa salva de palmas de todos os presentes, inclusive da numerosa assistência. Nos seguintes dias, o Prof. Ubaldi, sempre acompanhado pelos membros da Comissão, esteve em visita de cordialidade no Palácio dos Campos Eliseos, sendo recebido com toda a simpatia pelo Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. e Prof. Lucas Nogueira Garcez, com quem manteve longa e amistosa palestra. A visita ao Exmo. Sr. Dr. Ernesto Leme, Reitor da Universidade de S. Paulo, também foi admirável, onde as manifestações se sucederam, em sequência ás anteriores. O ilustre visitante está comovidissimo por tudo quanto tem recebido na Pátria do Evangelho. Na noite de 4, finalmente, deu-se a primeira apresentação de Ubaldi ao público espírita e espiritualista da Capital, no salão nobre da «Comunhão do Pensamento». Uma assistência numerosa superlotou o grande auditórium. Presidiu a reunião, o Exmo. Sr. Dr. Murilo Mattos Faria, D. D. Juiz Corregedor do Tribunal de Justiça da Capital, mais os diversos representantes oficiais das altas autoridades do Estado.

Na manhã do dia 5, ocupou o microfone da Radio Tupi, na Hora Espiritual mantida pela Liga Espírita do Estado, fazendo uma saudação aos espíritas da capital e do País. Em-seguida, esteve em visita à Aula Dominical na séde da Federação Espírita do Estado. Casa completa. Vinicius cedeu a palavra ao Prof. Ubaldi e Prof. Clovis Tavares.

Na noite do dia 6, no Teatro Municipal, realizou Ubaldi a sua anunciada conferência: «O Atual Momento Histórico e a Nova Civilização do Terceiro Milênio», sendo apresentado pelo confrade Julio de Abreu Filho, diretor da Editora Édipo. Não podemos, em sã consciência, dar os detalhes mínimos do que foi essa noitada. Excedeu a tudo o que se podia esperar.

O público aclamou-o no final, intensamente, e não poucos foram os comentários sôbre a figura do «Grande Místico da Umbria».

Na tarde do dia 7, uma caravana de 6 automoveis seguiu com Ubaldi para a cidade de Campinas, terra do imortal Carlos Gomes.

E, ás 20,30 horas com a presença oficial do Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito local, Dr. Hermann Cunha Campos, Exmo. Sr. Consul Geral da Itália, Dr. Fratelli, Capitão Genésio Nitrini, Pedro Granja, Dr. Mario Corbióli, Servilio Marrone, Dr. Bruno Furchi, Representantes de Centros Culturais e demais elementos espíritas da sociedade local, o Prof. Ubaldi dirigiu eloquente saudação ao povo e assistência e, por motivo de fôrça maior, a conferência foi lida pelo Prof. Clovis Tavares,

pelo espaço de hora e meia. No final da mesma, ambos foram aplaudidos delirantemente, inclusive o confrade Batista Lino, que fez as devidas apresentações.

Em todas as festividades colaboraram de maneira brilhante: o orfeão Pedro de Camargo com 40 vozes, sob a direção do seu fundador Dr. Luiz Wetterlê e colaboração da Prof.ª Lidia Piro Bassi. No Municipal de S. Paulo, o Coral Paulistano de 22 vozes sob a direção do Maestro Arquerons e em Campinas, na abertura do programa, fez-se ouvir, o Rouxinol Campineiro, soprano Eliphas Chinellato Mila, acompanhada ao piano pelo Prof. Mario de Tulio.

No domingo, 12 de Agosto, a Caravana seguiu com o Prof. Ubaldi para Belo Horizonte, onde permanecerá 8 dias fazendo diversas conferências nas Alterosas. Em seguida voltará a Campos, onde estará até o dia 30.

No próximo número daremos notícias sôbre as futuras atividades de Pietro Ubaldi no País. Desejamos apresentar aquí, as nossas felicitações à D.D. Comissão que promoveu a vinda ao País, do ilustre pensador, e que tem trabalhado incansavelmente, não tendo nomes a destacar.

Vicente S. Neto.

S. Paulo, Agosto de 1951.

Sanatório «Américo Bairral»

Temos sôbre a mesa de trabalho, enfeixado num belo opúsculo ilustrado com diversas fotografias, o relatório do Sanatório «Américo Bairral», de Itapira, referente ao ano de 1950.

Analisando o relatório com a devida atenção, nota-se que o movimento do Sanatório durante o ano de 1950 foi um dos maiores registrados nesse estabelecimento de caridade, que tantos e assinalados serviços vem prestando aos débeis mentais, num testemunho eloquente do perseverante e inestimável trabalho dos espíritas no campo da assistência social, o que prova, de outro lado, o valor do Espiritismo, que tendo como tarefa exclusiva a espiritualização da humanidade, não deixa de estender a sua ação aos que, no terreno material, necessitam do auxílio das almas caridosas, fazendo o que Jesus fez, que além de dar conforto e luzes espirituais, multiplicava pães e peixes para saciar a fome das multidões que o ouviam, multidões compostas de famintos, esfarrapados e enfêrmos.

A Diretoria do Sanatório não mede esforços no desempenho de sua tarefa. As centenas de enfêrmos ali abrigados e tratados com aquela mesma dedicação que um pai dispensa ao filho, constituem a melhor prova do que afirmamos.

Progredindo sempre em todos os sentidos, o Sanatório «Américo Bairral» realizou reformas e melhoramentos diversos durante o ano de 1950, ampliando o escritório, padronizando os dormitórios com novas e confortáveis camas, montando novo gabinete médico com acesso para duas secções, feminina e masculina, e já iniciou mais três páteos, um todo arborizado, outro com um Belvedere ao lado, e outro para esportes. Mas o melhoramento mais importante é o que resolveu em definitivo o problema da água, graças ao operoso prefeito municipal. sr. Virgolino Oliveira, que fez uma ligação direta desse precioso líquido de uma fazenda ao Sanatório. Não dando essa nova ligação para levar a água a torre distribuidora, foi construido um reservatório ao pé desta, com capacidade para 25.000 litros e assentadas duas bombas centrífugas, uma delas sobressalente.

Foi concluido um pavilhão medindo 30 x 7,70 mts., com capacidade para 25 leitos. Enfim, foram tantos os melhoramentos que iriamos longe se fossemos apontar todos. Mas o leitor interessado poderá se certificar do resto, lendo referido relatório.

Não queremos terminar esta breve nota sem mencionarmos o apreciável trabalho de arrecadação de donativos pelo nosso dinâmico companheiro Onofre Batista, num montante de cr. $ 102.000,00.

Que Jesus proporcione aos esforçados dirigentes e auxiliares do Sanatório muita saúde e coragem para poderem dar conta da árdua taréfa.

«Comentários à Divina Comédia»

Com este título, o nosso prezado colaborador Arnaldo S. Thiago, autor de diversas obras importantes, publicará em breve um livro de cerca de 400 páginas

de texto sôbre a «Divina Comédia», de Dante, o genial poeta florentino, cujo 630.° aniversário de desincarnação em Ravena, Itália, comemorou-se ontem dia 14.

Sociedade Brasileira de Filosofia

Comemoração do 120.° aniversário do nascimento de Bezerra de Menezes

Em comemoração ao centésimo vigésimo aniversário de nascimento do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, patrono do nosso confrade Arnaldo S. Thiago, na Sociedade Brasileira de Filosofia, realizou êle no dia 29 de Agosto último uma conferência na séde da mesma sociedade, em que expôs os traços biográficos do seu patrono. Presidida a solenidade pelo Snr. Comandante Feliciano Cesar Xavier, ocuparam lugar à mesa os Srs. Dr. Polydoro Ernani de S. Thigo, diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Capital de Santa Catarina, Dr. Levindo Melo, presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo, Professor Levasseur França, Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil.

Discorrendo durante uma hora sôbre a vida e as obras do seu patrono, pôs o conferencista em relêvo a ação social do médico, do político, do administrador de larga visão e de nobre enfibratura moral, que foi o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, bem como do filósofo e do homem de crença, devotado afinal inteiramente à Doutrina Espírita, ao ponto de ser cognominado «Allan Kardec brasileiro».

Terminou o conferencista, nos seguintes têrmos: «Assim termina Bezerra de Menezes a carta a seu irmão dirigida (Publicada em livro com o título — «A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica»): «Pois bem. A nova revelação não altera a moral da Igreja, que todo mundo acata, não altera a Teodicéia da Igreja que só meia dúzia de infelizes repele — e, isso por causa da tal história do inferno e das penas eternas; mas altera exatamente o que só o fanatismo abraçou e à humanidade repugna: a Teogonia, os dogmas da vida única e das penas eternas». Agora, em sua homenagem e como lábaro de amor e de paz, que desfraldamos: O homem de bem, o homem que sabe honrar e dignificar a espécie, tem sempre um sentimento de respeito e de justiça para com o semelhante, mesmo quando lhe falte a caridade. Nestas condições, católicos, protestantes, espíritas, positivistas, todos, de mãos dadas, podem viver em paz, na terra sob as bençãos de Deus.

A assistência, na qual se encontravam o Cel. Delfino Moreira, presidente da CEPA, Dr. Lauro de S. Thiago, diretor do Departamento de Filosofia da Sociedade de Medicina e Espiritismo, Dr. Argolo Ferrão, e muitos outros membros da sociedade e exmas. senhoras, ao terminar o orador a sua conferência, aplaudiu-o calorosamente, dirigindo-lhe o Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia, ao declarar encerrada a sessão, palavras de vivo encômio pelo trabalho realizado.

Comunicado da U. S. E.

A União Social Espírita (U. S. E.) prossegue em suas atividades, dentro do seu programa, como órgão orientador e de unificação da família espírita no Estado. Vem colaborando nos trabalhos do Conselho Federativo Nacional, realizando palestras doutrinárias, mensais, nas Entidades Federativas e Centros Espíritas, além das representações que tem enviado a todas as Semanas Espíritas do interior. O seu Departamento de Mocidades também vem dando cumprimento ao seu trabalho no setor das Mocidades, promovendo a realização de Concentrações periódicas nas diversas zonas do Estado, procurando unir e confraternizar os jovens espíritas e incentivar o estudo da Doutrina.

Conselho Federativo Nacional

Súmula dos Trabalhos realizados em 4 de Agosto de 1951.

Posse de representantes. Por motivo de fôrça maior não compareceu, para tomar posse do cargo de representante de Alagôas, o novo conselheiro Geraldo de Aquino. Tomou posse da representação de Goiás o confrade Dr. Francisco Nogueira.

Congresso em Estocolmo. Foi lida a resposta ao ofício da Federação Espírita Internacional, declarando que a F. E. B. tomará parte no Congresso Internacional a realizar-se na Capital da Suécia em Setembro próximo.

Pará. Foi lido o ofício da União Espírita Paraense, comunicando que está providenciando o registro de seus Estatutos para completar o processo de sua representação no C. F. N., conforme decisão unânime tomada em assembléia geral realizada em 19 de Dezembro de 1950.

Goiás. Foi trazido ao conhecimento do C. F. N. que a União Espírita Goiana, fundada ha pouco, está realizando obra notável de construção de um abrigo noturno na Capital do Estado.

São Paulo. O C. F. N. tomou conhecimento da inauguração da *Fundação Pestalozzi*, em Franca, em 22 de Julho recem-findo, com a presença do Vice-Governador do Estado. Trata-se de obra monumental e a sessão aprovou um voto de congratulações aos criadores da Fundação.

Paraná. Foi comunicado ao C. F. N. que merece especial menção a fundação e manutenção da Escola pertencente ao Centro Espírita «Luz e Caridade», em Foz do Iguaçu, há pouco visitada pelo Governador do Estado, que expressou viva simpatia pela obra.

Distrito Federal. O Conselheiro Aurino Barbosa Souto, representante da Liga Espírita do Distrito Federal, trouxe ao conhecimento do C. F. N. o ato de desassombrada convicção do confrade Dr. Telemaco Gonçalves Maia que, num debate na Câmara Municipal do Distrito Federal, declarou sua qualidade de espírita.

Bahia. Com a renúncia do representante, Prof. Leopoldo Machado, a Bahia está sem representante no C. F. N., mas está reorganizando a entidade de âmbito estadual para normalizar sua situação.

Minas Gerais. O Segundo Secretário do C. F. N. visitou a União Espírita Mineira em 15 do mês recem-findo e lá realizou uma conferência sôbre os trabalhos de Unificação do Movimento.

Comemorações. Foi aprovada a seguinte proposta do representante do Paraná: «O Conselho Federativo Nacional, reunido em sessão plena, considerando que em 3 e 5 de Outubro, ocorre a data natalícia de Allan Kardec e a data da assinatura do Pacto Áureo de Unificação do Movimento Espírita do Brasil, sugere ás Entidades Estaduais, não sómente que promovam comemorações de maior evidência naqueles dias do corrente ano, mas que também recomendem idêntico procedimento a todas as sociedades que lhes sejam adesas».

Passamento

Deusdedit Fontes

Deu-se em Aracajú, Estado de Sergipe, em julho último, o desincarne do confrade Deusdedit Fontes, ex-diretor de «O Luzeiro» daquela Capital, dedicado e laborioso colaborador de todos os empreendimentos levados a efeito pelos espíritas de Aracajú, cuja vida constituiu alto padrão de exemplificação e obras cristãs. Era tio do confrade Elson Fontes, elemento de destaque no Espiritismo local e Presidente da Federação Espírita Sergipana, recentemente fundada.

A Serviço da Doutrina

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Em 8 de Abril último, realizou-se em Limeira com a presença do Deputado Campos Vergal, o lançamento da pedra fundamental da instituição «Nosso Lar», abrigo de menores. O prédio conta com 380 metros quadrados, numa área de terreno de 100 x 75 metros e já esta recebendo o madeiramento. Acha-se situado num lugar aprazível, o mais alto da cidade; possúe cômodos espaçosos e porões habitáveis. A inauguração da instituição deve realizar-se em Dezembro próximo. É provável que o Deputado Campos Vergal seja orador oficial.

Os confrades Ernesto Kühl, D. Lucinda Kühl e os demais companheiros de Diretoria estão de parabens pela realização desse notável empreendimento.

D. Lucinda Kühl é presidente da Associação das Senhoras Espíritas «Allan Kardec», associação que confecciona enxovaisinhos para as parturientes pobres. É também diretora do Albergue Noturno, onde já pernoitaram mais de cinco mil pessoas até o presente.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 40,00
	Semestre	— ,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	50,00
	Semestre	— ,,	,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro